

Pensar, sentir e agir: interpelações e perplexidades no contexto da pandemia do novo coronavírus

To think, to feel and to act: interpellations and perplexities in the context of the new coronavirus' pandemic

Donizete José Xavier¹
Claudio Antonio Delfino²

Resumo

Pretende-se com este artigo refletir a partir de algumas nuances do pensamento do filósofo Paul Ricoeur, que podemos chamar de dimensão estrutural da pandemia do novo coronavírus. Daí, significa que é possível pensar, sentir e agir para além das polêmicas levantadas em relação a sua origem. O essencial é vincular a reflexão hermenêutica sobre a dimensão estrutural da pandemia que a coloca ao lado da reflexão sobre a questão dos males físicos e cósmicos, dado que o mal, constituído de um caráter misterioso, é um pilar na reflexão filosófica de Ricoeur. Ressalta-se que aproximar-se fenomenologicamente do mal físico ou cósmico exige que se ponha e se caminhe em direção a uma visão ética do mundo que permita recuperar a perspectiva utópica do Reino de Deus como ideal de humanidade, capaz de dar a ação econômica, social e política um enfoque humano. Para Ricoeur, a compreensão do mal está intimamente ligada à liberdade humana. Por fim, o artigo procura articular como emergência reflexiva resultante do novo coronavírus a dimensão estrutural da pandemia e o emergente cuidado aos povos indígenas do Brasil, principalmente diante de um “grande genocídio silencioso” que coloca em xeque o futuro do humano dos povos circundantes da Amazonas.

Palavras-chave

Pandemia. Mal. Liberdade humana. Coronavírus.

Abstract

This article aims to reflect on some nuances of philosopher Paul Ricoeur's thought, that we may call the structural dimension of the new coronavirus' pandemic. From there, it means that it is possible to think, feel and act besides the polemics around its origin. The essential is to link the hermeneutic reflection to the pandemic's structural dimension that puts its together to the reflection upon the physical and cosmic evils, as the evil, which has a mysterious nature, is a backbone of Ricoeur's philosophical reflection. It is important to highlight that phenomenologically reaching out the physical or cosmic evil demands a change towards a world's ethical vision that enables to recover the Kingdom of God's utopian perspective as a value of humankind, capable of giving a human approach to the economic, social and political acts. To Ricoeur, the evil comprehension is closely related to the human liberty. Finally, the article aims to articulate the pandemic's structural dimension as a reflexive emergency caused by the new coronavirus, as well as the arising care towards the Brazil's indigenous peoples, mainly in face of a “great silencious genocide” that puts in danger the human future from the peoples who live around the Amazonas.

Keywords

Pandemic. Evil. Human liberty. Coronavirus.

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Professor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Contato: djxavier@pucsp.br.

² Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Contato: claudiodelfino72@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Objetiva-se com esta reflexão verificar se a partir de algumas nuances do pensamento de Paul Ricoeur se se pode pensar, sentir e agir diante dos males causados pela pandemia do coronavírus, quer sejam físicos ou cósmicos, presentes na realidade hodierna, especialmente entre os povos indígenas, e qual seria a sua relação com a ética, a religião e a política.

Por um lado, é inegável que a pandemia do coronavírus que foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020 (UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS, 2020) se tornou um fenômeno mundial que assola toda a humanidade, desde os países mais desenvolvidos até aos mais pobres. Os males sentidos vão desde a morte de mais de um milhão de pessoas, tantos outros milhões de infectados, o drama do isolamento social, o desemprego, o aumento do sofrimento dos mais pobres, dentre outros. Diante disso, que se pretende nesta reflexão, encontrar sendas de esperanças para pensar, sentir e agir diante do sofrimento alheio. Não é de bom senso e muito menos caridoso que alguém se faça de indiferente de frente a dor humana e a do cosmos. No Brasil, não bastasse a pandemia, ainda padecemos de outros tantos males, como, por exemplo, o alastramento visível da crise ecológica, destruindo a nossa casa comum, além de ofuscar o brilho da vida dos nossos irmãos da floresta.

Por outro lado, pretende-se ancorar esta reflexão em algumas nuances do pensamento de Paul Ricoeur, que iluminem o cenário apenas descrito e nos últimos meses tão veiculado pela imprensa internacional, buscando dar sentido, esperança e empenho com ações concretas, ao menos para atenuar o sofrimento estampado em tantos rostos. Aquilo que não se quer para si, não se deve fazer para o outro (Mt 7,12). Essa é a regra de ouro que Jesus Cristo não somente nos ensinou, mas a realizou plenamente. Portanto, dado que ninguém de bom senso não se alegra com a dor ou sofrimento, parece se fazer necessário que todos se empenhem, não somente para pensar no drama alheio, mas senti-lo e empenhar-se por um agir amoroso e livre, em busca de um mundo e abertos ao transcendente. Tais elementos almejamos encontrar no pensamento ricoeuriano.

Este artigo será assim estruturado: a questão do mal no pensamento de Ricoeur; pensar, agir e sentir; utopia e esperança; construções narrativas: gritos que ecoam da floresta; possíveis contribuições do pensamento ricoeuriano diante dos dramas da pandemia?

Diante de tantos males presentes na atualidade, especialmente a pandemia do coronavírus, algumas questões preliminares são fundamentais: onde está Deus diante do sofrimento humano? Qual a relação do mal e a liberdade humana? O que fazer diante do mal físico e cósmico? Qual o sentido da esperança no hoje da história? Afinal, para onde vamos? Qual o sentido da responsabilidade humana individual e a do poder público diante do cenário atual? Estas e outras questões afins irão nortear esta reflexão.

1 A QUESTÃO DO MAL NO PENSAMENTO DE RICOEUR E A SUA RELAÇÃO COM A ÉTICA E A RELIGIÃO

Nascido em uma pequena família, em Valence (França), Paul Ricoeur está situado num século marcado por grandes tragédias humanas. As duas guerras mundiais deixaram marcas profundas em sua vida e em sua opção pessoal e postura intelectual, religiosa, social e política (FASANO, 2019, p. 23). A sua reflexão sobre o mal liga-se efetivamente às terríveis experiências do século passado. Leitor de Hannah Arendt e juntamente com ela, não renuncia a análise do mal na esfera do político. Marcado pelos círculos filosóficos de Gabriel Marcel tem contato com os escritos de Karl Jaspers e Edmund Husserl que lhe oferecem instrumentos intelectuais que o constitui um “defensor do sentido”. Jaspers fala da situação-limite destacando a questão da falta como ato da liberdade. Para ele: é o mal ético (contra lei) e o mal existencial, inevitável na intersubjetividade humana, identificando-se com a maldade não intencional presente nas implicações e consequências de um ato livre e honesto. Husserl com sua fenomenologia permite ao filósofo de Valence pensar uma “fenomenologia existencial”, considerando a questão do voluntário e involuntário. A fenomenologia é um instrumento de restauração de sentido. Para Ricoeur, “a fenomenologia é a descrição dos significados implícitos na experiência, de modo geral, seja ela da ordem das coisas, valores, pessoas etc.” (RICOEUR, 1970, p. 679). Ao lado dessas considerações, a antropologia de Ricoeur tem raízes na reflexão da questão do mal e da culpabilidade. Consequentemente, para ele é possível pensar na profundidade do mal e na potência da vida numa perspectiva fenomenológica do homem capaz.

Recorda-se aqui que, para Ricoeur o homem capaz não é melhor que o homem falível. “O homem capaz pode também praticar o mal. Em todos os sentidos, o homem é um ser de possibilidades, tanto para o bem como para o mal” (XAVIER, 2017, p. 144).

Ao tratar a questão da falibilidade o homem e no intento de perscrutar o mistério do mal, Ricoeur observa que há algo de imperscrutável e misterioso na origem do mal. Em suas palavras: se o mal é impenetrável enquanto acontecimento, enquanto evento, pode acontecer que haja uma inteligência do limiar que nos faça compreender a sua possibilidade; ou seja, talvez se possa compreender em que sentido o homem é falível. A falibilidade é uma das raízes epistemológica do pensamento de Ricoeur, tema também presente na sua obra magna, *A simbólica do mal*, datada em 1960 na arquitetura estético de sua *Filosofia da vontade*. O mal acontece na práxis da relação, sendo assim, como afirma Maria Luísa Portocarrero, “a experiência do mal composta pelo universo dialético das paixões e da lei e formando as paixões o rosto real do dia a dia – aquele a que Ricoeur quer realmente - com sua *Filosofia da vontade*” (2013, p. 8). Para o filósofo, pensar uma simbólica do mal é sempre uma irrupção do irracional no coração da ação no domínio ético. Nesse sentido, como ele mesmo afirma: “o homem não tem acesso a sua própria profundidade senão pela via real da analogia e do símbolo” (RICOEUR, 1960, p. 11). No quadro desta enunciação, nos é claro que sua antropologia parte

da ideia do homem falível, vulnerável e frágil, marcado pelo mal e a culpabilidade, porém esse mesmo homem é definitivamente capaz de abrir-se à transcendência.

Em sua clássica obra, *O conflito das interpretações*, de 1969, Ricoeur dedica parte do seu escrito a questão do tripé: culpa, ética e religião. Sem nos determos a uma análise minuciosa desta questão, vale apenas aproximar de sua reflexão no que diz respeito a questão do mal. Interessa-nos ir diretamente ao que o filósofo denomina de dimensão ética. Isso porque, nesse ponto, aqui se encontra a pergunta em que sentido o mal é um problema ético. Para Ricoeur, é preciso começar pela reflexão sobre a liberdade como ponto essencial para se pensar a questão do mal. Para ele: “afirmar a liberdade é colocar em alguém a origem do mal. Por essa asserção, afirmo o vínculo entre mal e liberdade, tão estreito que os dois termos se implicam mutuamente” (1969, p. 421).

Observa-se que nessa afirmação, com efeito, o mal só pode ser compreendido a partir da liberdade humana, uma vez que o homem é o seu autor ou cúmplice. De fato, reafirma-se aqui que Ricoeur assume sua posição contrária a todas espécies de “ontologização” do mal, procurando salvaguardar a sua determinabilidade e sua inclusão na liberdade. “O mal tem o sentido de mal por ser obra de liberdade. A liberdade, o de liberdade porque é capaz do mal” (RICOEUR, 1969, p. 421). Continua o filósofo: “não há mal como ser; há somente o mal-feito-por-mim. Colocar o mal em alguém é ato da linguagem comparável à voz ativa, neste sentido de que a linguagem que faz algo, isto é, que me atribui o ato” (RICOEUR, 1969, p. 421). Podemos dizer que os elementos teóricos até aqui apresentados ajudam-nos a compreender a necessidade de recorrer a outra metodologia para abordar o problema do mal. Recupera-se aqui a ideia da visão ética do mundo como se encontra figurada na obra *O homem falível*, onde o filósofo procura compreender o problema do mal, descrevê-lo e mostrá-lo onde possa ser visto, a partir da sua relação com a liberdade humana (RICOEUR, 2019, p. 19).

De fato, não são as espécies de ontologizações ou “fantasias metafísicas” como as definiram o filósofo no combate a todos os tipos de ontologia que concebem o mal como um ser, uma reflexão satisfatória diante de uma questão profundamente enigmática. Se o mal é um enigma, um escândalo, é uma realidade que atinge a condição trágica da nossa existência. Como afirma Ricoeur, um trágico da existência ou antes na existência e não um “pantragismo”, porque é um trágico sobre o fundo da *imago Dei* (RICOEUR, 1996, p. 120). Sobre o fundo da nossa responsabilização, o que está submetido nesta impostação é que de fato, como afirma Fernanda Henriques, “o mal obriga-nos encontrar outros modos de relação que não somente os estritamente teóricos, exigindo um compromisso com a ação efetiva” (2005, p. 67). No horizonte da ação, encontramos uma afirmação pertinente de Ricoeur, uma vez que para ele, “a liberdade é a capacidade de agir de acordo com a representação da lei e não cumprir a obrigação” (1969, p. 423). E continua o filósofo o seu argumento e dando razão a Kant dirá:

A nova determinação de mal pode ser expressa em termos kantiano: é o reverso da relação motivação-lei, interior ao axioma de minha ação. Essa definição deve ser assim compreendida: se por axioma designo o enunciado prático do que pretendo fazer, o mal não é nada em si mesmo; não possui realidade nem física nem psíquica; é apenas um relacionamento invertido; é uma relação, não uma coisa, relação invertida concernente à ordem de preferência e subordinação indicada pela obrigatoriedade (RICOEUR, 1969, p. 423).

A dimensão ética não esgota o sentido do mal, porém interpela pensar a liberdade em sua condição original e originante. “A volta à origem é a volta ao local onde a liberdade descobre a si mesma como algo a ser libertado, em resumo, ao local onde pode esperar ser libertada” (RICOEUR, 1969, p. 426).

Ao lado dessa consideração, Ricoeur apresenta a ideia da dimensão religiosa, perguntando se pela via especificamente religiosa para se falar sobre o mal. Para ele há um caminho imprescindível, o da linguagem da esperança. É oportuno neste momento acentuarmos que a realidade da pandemia do COVID-19 nos faz pensar teologicamente numa terceira via, a via da esperança. “Esperar apesar de tudo”. Se o mal não pode ser eliminado, pela sua própria condição de mistério indecifrável, ele pode ser combatido. A esperança nos leva a solidariedade, mesmo que esta não elimine o mal, mas pode ao menos diminuir a dor dos que padecem as consequências do mal. Nesse sentido, é necessário aprofundar a liberdade sob o signo da esperança no Deus das possibilidades desconhecidas. Como afirma Ricoeur:

Considerar a liberdade à luz da esperança é re-colocar minha existência na dinâmica, que pode ser chamada, com Jürgen Moltmann, “futuro da ressurreição de Cristo”. Esta fórmula querigmática pode ser traduzida de vários modos na linguagem contemporânea. Antes de tudo, fazendo eco a Kierkegaard, poderíamos chamar liberdade à luz da esperança, “paixão pelo possível”; esta fórmula, que contrasta com toda a atual sabedoria, com toda submissão à necessidade, sublinha o selo de promessa pela liberdade. Esta, fundamentada no “Deus que vem”, abre-se ao radicalmente novo; torna-se imaginação criadora do possível (RICOEUR, 1969, p. 426-427).

Não é sem consistência que para Ricoeur, pautando-se em Moltmann atesta que a liberdade confiada ao Deus que vem está pronta para o radicalmente novo que vem. O Deus da esperança é o Deus que vem (Is 35,4; 40,5); o Deus que vem é um nome. Nos testemunhos bíblicos, encontra-se um Deus que advém no dinamismo da história dos homens. Um Deus abreviado em uma vida (*Verbum abbreviatum*),³ assumindo um nome e um rosto.

Quando se adentra no horizonte da esperança, a liberdade que se autoafirma, apesar de, “é a liberdade pela negação da morte por decifrar os sinais da ressurreição debaixo da aparência

³ Nas palavras de Henri de Lubac: “*Verbum abbreviatum, Verbum coadunatum*: Verbo condensado, unificado, perfeito! Verbo vivo e vivificante. Contrariamente às leis da linguagem humana, que se torna clara, explicando-o, ele, de obscuro se torna manifesto, apresentando-se sob a sua forma abreviada: Verbo pronunciado antes ‘*in absconditus*’ (ocultamento), e agora ‘*manifestum in carne*’ (manifesto na carne). Verbo abreviado, Verbo sempre inefável em si mesmo, e que, todavia, explica tudo” (DE LUBAC, 1972, p. 349).

oposta de morte” (RICOEUR, 1969, 427). A acepção que aqui se descortina é que o crer apesar de, é uma atitude fundamental que arremessa o ser humano ao horizonte da esperança. Que na experiência “de um não sentido” é possível encontrar o sentido. Encontrar o sentido no não sentido é o que permite dizer que uma fé no Deus da vida não pode ser real à margem do escândalo do sofrimento dos inocentes, sem que haja a suspensão do não sentido por um sentido insuspeitável. No quadro dessa enunciação, o filósofo introduz a sua ideia mestra da lógica da superabundância, uma nova economia, que é aquela que irriga a vida cotidiana, trabalho e lazer, política e história universal – a economia da dádiva. Nas palavras de Ricoeur: “O apesar de ... que nos mantém prontos para a negação não passa do reverso, do lado obscuro deste júbilo ‘quanto mais’ pelo qual a liberdade toma consciência de si, conhece-se e deseja ser participe desta economia de superabundância” (RICOEUR, 1969, p. 427).

Vale dizer que para o autor, a lógica da superabundância, do excesso, incorpora o tema do mal. Como mesmo ele diz: “parafrazeando São Paulo, ousa dizer: onde quer que ‘excede’ o mal ‘superexcede’, a esperança. Portanto, devemos ter a coragem de incorporar o mal à épica da esperança. Por caminhos a nós desconhecidos, o próprio mal coopera, trabalha para o progresso do Reino de Deus” (RICOEUR, 1969, 429). Em efeito, no polo da lógica da superabundância, somos interpelados a descobrir o papel da solidariedade na esfera da experiência dos dramas humanos, pois o mal pode ser um fator decisivo para a educação da raça humana, como afirma o filósofo de Valence (RICOEUR, 1969, p 249).

De fato, nesse domínio metodológico proposto por Ricoeur, é preciso abordar o problema do mal recuperando a visão ética do mundo, ou seja, inserindo a questão do mal no grande romance da cultura humana. A ideia da uma nova economia governada pela lógica da superabundância e do excesso, característica própria do Reino de Deus, pode fazer surgir algo novo e verdadeiramente humanitário. Por outro lado, nesse contexto de pandemia, se compreendemos a COVID-19 como um mal cósmico e se tivermos a coragem de incorporar o tema do mal à lógica da superabundância, esta mesma lógica instaura-nos uma certa pedagogia do excesso: a da “paixão pelo possível” abrindo-nos o horizonte da esperança que não decepciona (Rm 5,5).

2 PENSAR, SENTIR E AGIR

Pensar, agir e sentir é a terceira parte do clássico texto de Ricoeur *O mal: um desafio para a filosofia e para a teologia* de 1986. Aqui, o filósofo faz uma exposição sintética acerca da evolução especulativa do mal e suas implicações. O que é decisivo nesse escrito é que o mal não se apresenta somente como um problema especulativo, exige uma convergência de pensamento, ação no sentido moral e político e uma transformação espiritual de sentimentos (RICOEUR, 2005, p. 31). A análise dessa terceira parte desse texto de Ricoeur nos interessa, primeiramente, como base de investigação e, conseqüentemente, como fonte epistemológica

para se pensar interpelações e perplexidades no contexto da pandemia do novo coronavírus como se propõe o título do artigo.

Para Ricoeur, não basta pensar a questão do enigma do mal, pois para ele, “o enigma é uma dificuldade inicial, próxima do grito da lamentação; a aporia é uma dificuldade terminal, produzida pelo próprio trabalho do pensamento; este trabalho não é abolido, mas incluído na aporia” (RICOEUR, 2005, p. 32). A ação e o sentimento devem caminhar lado a lado. Ao tratar sobre a questão do agir, afirma que, o mal é, antes de tudo, algo que deve ser combatido. Porém,

todo mal cometido por um, vimo-lo, é o mal sofrido por outro. Fazer o mal, é fazer o outro sofrer. A violência não para de refazer a unidade entre mal moral e sofrimento. Assim sendo, toda ação, ética ou política, que diminui a quantidade de violência exercida pelos homens – uns contra os outros –, diminui a taxa de sofrimento do mundo (RICOEUR, 2005, p. 32).

De fato, não podemos eliminar o mal, mas podemos sim, via a resposta prática ao menos, em atos de solidariedades, diminuir a dor daqueles que sofrem. Vincula-se a resposta prática a resposta emocional, o sentir. Nesse terceiro eixo, o que nos chama a atenção é que o sentir enquanto resposta emocional é lido em chaves freudiana, o que é chamado “trabalho de luto”. “O luto é aí descrito como um soltar – um por um – de todos os laços que nos fazem sentir a perda de um objetivo de amor como uma perda de nós mesmos” (RICOEUR, 2005, p. 33).

O que de fato Ricoeur propõe é um caminho catártico daqueles apegos que aprisionam o ser, pois quando se permanece nesse horizonte, mergulha-se num círculo vicioso que remete à queixa e a lamentação. Nesse sentido, vincula como ajuda espiritual ao trabalho de luto a sabedoria com suas extensões filosóficas e teológicas, visando uma transformação qualitativa da lamentação e da queixa. Trata-se de aplicar a dimensão noética da sabedoria do sofrimento, considerando que o seu núcleo semântico diz mais sobre a maneira de como suportar o sofrimento do que de equacioná-lo. A tarefa da sabedoria aplicada ao trabalho de luto permite pensar o sentido no sem-sentido da existência. O resultado é perceber que dizer o ““não sei o porquê as coisas acontecem assim”, como afirma o filósofo: é aí que reside o grau zero da espiritualização da queixa, dirigida inteiramente para si mesma” (RICOEUR, 2005, p. 33). Por outro lado, aperceber-se que, a acusação contra Deus é a impaciência da esperança. E por fim,

descobrir que as razões de acreditar em Deus não tem nada em comum com a necessidade de explicar a origem do sofrimento. O sofrimento unicamente para quem compreende Deus como a fonte de tudo o que é bom na criação, incluída aí a indignação contra o mal, a coragem para suportá-lo e o impulso de simpatia para com as vítimas (RICOEUR, 2005, p. 33-34).

Sendo assim, cabe ao fiel não desconfiar ou culpar a Deus diante dos infortúnios da vida, mas com firme esperança se faz necessário seguir adiante.

3 UTOPIA E ESPERANÇA

Em sua obra *História e verdade* (1990), Ricoeur nos fala dos sinais de graça no contexto da teologia paulina que expõe a ideia da superabundância da graça. Para o filósofo, como dito acima, onde quer que “excede” o mal “superexcede”, a esperança. Nesse sentido, reafirmando a sua proposição, devemos ter a coragem de incorporar o mal à épica da esperança. Isso porque, em suas palavras, por caminhos a nós desconhecidos, o próprio mal coopera, trabalha para o progresso do Reino de Deus. Falar do Reino de Deus é falar da utopia do Reino. Quando se refere à categoria de testemunho dos cristãos no mundo, o filósofo não se esquivava em ressaltar que a questão querigmática, refere-se o anúncio de que Jesus de Nazaré é ao Cristo da fé. De fato, assim como as narrativas dos evangelhos, garante a continuidade fundamental entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, o que constitui para ele, o testemunho por excelência. Diante desses dois paradigmas, a hermenêutica do testemunho finca suas raízes, em que o acontecimento Cristo determina o ponto focal onde ambos os testemunhos, o profético e o querigmático, convergem. Com isso, compreende-se que as testemunhas dão testemunho da Testemunha. É nesse quadro que Ricoeur afirma que o cristão não é um nostálgico, mas testemunha, agente da superabundância da graça, algo que deve manter como uma utopia (RICOEUR, 1990, p. 238).

Observa-se que nesse pensamento, o conceito de utopia vincula-se a uma verdadeira visão do ser humano. Em outras palavras poderíamos dizer que pela utopia se entra no horizonte das possibilidades; aquelas que figuram a gramática do humano. No horizonte das possibilidades abertas pela utopia, a realidade revela-se como dom do possível que se dá sem se esgotar num dado (KEARNEY, 1984, p. 34). Nesse sentido, Ricoeur, compreende a utopia como perspectiva para a prospectiva, ou ainda, como perspectiva para o futuro, pois a utopia mantém a tensão entre o que é e o que deve ser, possibilitando os meios existentes que dão sentido e direção a ação ética e política. Como afirma o filósofo: “no debate ético planteado pela opção coletiva é uma certa visão do homem, capaz de dar sentido a nossa ação no mundo. Esta visão percebe a humanidade do homem em seus dois extremos: a totalidade e a singularidade” (RICOEUR, 1990, p. 273-274). Compreende-se aqui que, a perspectiva utópica apresentada pelo filósofo implica um ideal - o ideal de humanidade – capaz de “dar a ação econômica, social e política um enfoque humano”.

A utopia fundamental está na linha do desejo de querer que a humanidade seja uma. Unidade atestada na Escritura que vê o homem como ser genérico, porém com vocação única: a de descobrir-se enquanto sujeito de uma única história e de um único destino, concomitantemente, descobrir-se como fraternidade da qual participamos de única descendência. Dirá Ricoeur: “esta unidade da humanidade não se faz sozinha; este grande projeto se realiza por meio do que se pode chamar-se patologia do ser genérico. Conhecemos seus signos na época mesmo em que pensamos em termos de humanidade” (1990, p. 274). Vivemos hoje cada vez mais um tempo marcado por patologias. Tempo de intolerância, de

exclusão, de indiferença, de apatias, de individualismos e egoísmos, de (*des*) e *inumanização*. Patologias que tocam o mistério do mundo. Diante disso, os apelos ético-humanitários que ressoam são aqueles que evocam atitude. Diz Ricoeur: “temos que fazer que prevaleçam as necessidades da humanidade, tomada como um grande corpo doente, sobre todos os projetos particulares” (RICOEUR, p. 1990, p. 274).

Como não pensar nesse momento no primeiro dos quatro princípios que o papa Francisco apresenta na *Evangelii gaudium* como princípio elementar da construção de um povo: “o tempo é superior ao espaço” (222). A superioridade do tempo sobre o espaço é um apelo para que possamos compreender a nossa condição corpórea fenomenológica. O mistério do mundo é tocante, o fenômeno da pandemia de COVID-19 toca a fenomenalidade desse grande corpo que é o mundo e que está doente. Nesse sentido, é preciso saber iniciar processos e não se fixar em espaço de poderes. Como diz Ricoeur, expressar-se exprimindo o mundo. Em sua obra *Filosofia da vontade* (1950), afirma que o ser humano aprende a reconhecer-se a si mesmo na relação com as outras criaturas. Concretamente ele diz: “eu expresso-me exprimindo o mundo; exploro a minha sacralidade decifrando a do mundo” (RICOEUR, 1950, p. 216). Estamos em situação de interpretação, de iniciação de processos que nos interpelam. Então compreende-se a importância desta interpelação original, decifrar o mundo na exploração dessa sacralidade que lhe é inerente (XAVIER, 2017, p. 104).

E voltando a sua análise da utopia fundamental, Ricoeur dirá: “há que tomar a moral social [...] o que conta neste caso são as ações concretas [...]. A moral social não parte das coisas singulares, senão de um paradoxo; atende a duas coisas: é uma utopia da totalidade humana; sua realização plena e não contraditória seria o Reino de Deus” (1990, p. 274). Reino que se vincula efetivamente à prática do amor e da justiça. E aqui, o amor é revolucionário. Assume o poder de mudança radical da esperança e da justiça. Ao mesmo tempo sendo o amor uma categoria do Reino de Deus, comporta uma dimensão escatológica, ou ainda, uma utopia e um horizonte escatológico (RICOEUR, 1977, p. 162).

De fato, como afirma Ricoeur, se o amor é uma categoria do Reino de Deus, esse título comporta uma dimensão escatológica identificada com a justiça. Esta compreendida como finalidade, nesse caso, como escatologia. É evidente que estamos diante de uma compreensão de cunho teológico, nesse sentido, podemos dizer, como afirma Ignacio Calleja, que o significado religioso de justiça, chama-nos atenção para “a mediação sacramental da fé e da caridade encontra sua causa na justiça histórica, com complemento natural da solidariedade” (CALLEJA, 2004, p. 77). É pela prática efetiva do amor que a justiça e a solidariedade se encontram. Essa última se nos apresenta como uma categoria moral emergente. Poder-se-ia dizer que, a categoria solidariedade elevada a entendimento de virtude das pessoas e princípio ético regulador da vida social, exige cada vez mais uma excelência na reflexão política e moral. Ainda nas palavras de Calleja: “a solidariedade é um conceito que expressa um dever humano, o de ativar nossa capacidade de sentir, saber e assumir eficazmente a condição dos seres humanos como membros

iguais da grande família que a todos implica-nos, até compartilhar os bens comuns criados entre todos” (2004, p. 78). Nessa perspectiva prática, “trata-se de dotar de coerência a fé cristã, cuja estrutura sacramental – Reino de Deus: reino de paz e de justiça – alcança sua realização nas mediações da justiça histórica” (2004, p. 72), uma vez que, justiça e solidariedade ganham significado próprio na fé, porque no cristianismo a lógica da equivalência tem seu contraponto na lógica da gratuidade. E é aqui que a dimensão utópica da fé se engloba na aventura coletiva da história da salvação.

Sendo assim, a fim de mensurar a importância que Ricoeur tem aplicado ao conceito de utopia e ao seu horizonte escatológico, vale a pena prestar atenção à atitude primordial a qual somos invocados e evocados na experiência real de encontro que fazemos em todas as instâncias da nossa existência com o outro. Essa perspectiva utópica implica um ideal – o ideal de humanidade – desde o que seja possível dar à ação econômica, social e política um enfoque humano (MICIELI, 2014, p. 20). Não podemos esquecer a afirmação ricoeuriana de que o ser humano aprende a reconhecer-se a si mesmo na relação com as outras criaturas, expressando e explorando sua sacralidade no mundo. Tal decifração insere-se também como defesa do conceito de utopia, muitas vezes ameaçado, por uma acusação de possuir uma ausência de sentido (RICOEUR, 1990, p. 275).

Ricoeur fala da importância de subtrair-se à fascinação do poder (RICOEUR, 1990, p.265); de habitar esse mundo do sem dominá-lo (1990, p. 275); de reatar uma relação fraternal entre os seres numa espécie de amizade franciscana pela criação; de reencontrar o gracioso, o agraciado, o imprevisto, o inaudito (1990, p. 275); de fazer prevalecer, em todas as nossas relações com a natureza, o desejo de conhecimento sobre o desejo de dominação (1990, p. 277); de reencontrar assim a secreta convivência entre a alegria de conhecer e a caridade de Cristo (1990, p. 277); de reencontrar a dependência profunda de toda a atividade criadora: a necessidade mais profunda do que toda opção (1990, p. 277); por fim, de reencontrar o caminho da dádiva (1990, p. 277). Diante de tudo isso, fica-nos claro, como dito anteriormente, que Ricoeur nos fala dos sinais de graça no contexto da teologia paulina expondo a ideia da superabundância da graça. O que está subentendido nessa impositação é que a lógica absurda da superabundância da graça no cristianismo, oposta a lógica da equivalência tão rotineira no comportamento e julgamento humano, introduz uma inteligência do amor, em que a solidariedade adquire formas gratuitas e de certa forma humanize o exercício igualitário da justiça, buscando sua interpretação mais humanizadora e criativa (CALLEJA, 2004, p. 81-82). Se de fato, a solidariedade é uma categoria moral emergente; então precisamos conscientizar-se como afirma Ricoeur: “nós somos a vanguarda da humanidade na sociedade de abundância, nossa salvação está em nossa dependência com relação aos mais pobres. Mas isso ainda depende da moral de convicção: é preciso passar à moral de responsabilidade” (1990, p. 227).

Portanto, é urgente traduzimos historicamente a igualdade fundamental, em sua significação prática ou política para atestarmos que ela se substancia com a justiça

preferencialmente para os indivíduos e coletivos, cuja dignidade se encontra desfigurada. No quadro dessas enunciações entendemos a necessidade de refletir a questão dos gritos que ecoam da floresta, quer seja, como grito dos indígenas, quer seja como grito da terra neste tempo pandêmico e de queimadas ambientais. Enquanto o governo brasileiro se preocupa com a passagem da boiada, é preciso se perguntar para além da procura das razões dos males físicos ou cósmicos, que há uma interpelação e perplexidade para uma atitude que nos direcione a outras vias de enfrentamento com a problemática do mal.

4 CONSTRUÇÕES NARRATIVAS: GRITOS QUE ECOAM DA FLORESTA

Se acima afirmávamos que uma das formas de lutar contra o mal cósmico está no exercício da memória que podemos fazer das vítimas, assim, narrar o seu sofrimento representa não deixá-las cair no esquecimento resgatando-as de um silêncio que as voltaria a fazer, de novo, vítimas, ao apagar o seu sofrimento da memória das culturas. É aqui que pretendemos situar os gritos que ecoam da floresta. Fazer memória dos povos indígenas diante do contexto pandêmico que estamos vivendo.

Memória e realidade... Esses são dois termos escolhidos nesta reflexão para evocar o passado e o presente da existência dos povos indígenas no Brasil, respectivamente. A memória seria como vastos palácios, onde o que tudo o que foi guardado ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento (AGOSTINHO, 1997, p. 278-282). Infelizmente, os gritos que ecoam da floresta em plena pandemia, não são os primeiros da nossa história, pois, os gritos de sofrimento, preconceito e morte dos povos indígenas ecoam desde o Brasil quinhentista, como nos aponta Darcy Ribeiro (1974, 1982).

4.1 Gritos de socorro para salvar a vida dos povos indígenas em meio à pandemia do novo coronavírus

O mal da pandemia do coronavírus tem afetado a toda humanidade, mas não é possível não se sensibilizar com a dor e o sofrimento dos mais frágeis, dentre eles é de se destacar os povos indígenas.

Segundo o boletim epidemiológico da Secretaria Especial para a Saúde Indígena (SESAI) da COVID-19, órgão vinculado ao Ministério da Saúde, publicado em 25/07/2020, já eram 13.728 casos confirmados de indígenas infectados pelo novo coronavírus e 256 óbitos. Já antes de tais números, em 01/06/2020, segundo Sofia Mendonça, médica e sanitária da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) com o alastramento do vírus, corria-se o risco de termos um verdadeiro genocídio nos povos indígenas, dado que as doenças respiratórias são uma das maiores causas de morte na população nativa brasileira. Já, de acordo com Sônia Guajajara, coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas no Brasil (APIB) todos os índios estão assustados. Ela afirma que a melhor forma de prevenção ao contágio da doença é permanecerem isolados, dada a perversidade do passado que dizimou a vida de milhares de

índios por doenças contagiosas. Além do mais, afirma ela, invasores aproveitam a ocasião para tomarem posse e desfrutarem das terras indígenas. Sônia fala também de um genocídio autorizado dos povos indígenas. Já o Centro de Pesquisas Epidemiológicas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), através do projeto EPICOVID 19-BR, publicado pelo site no dia 02/07/2020, atesta cientificamente a vulnerabilidade dos povos indígenas no Brasil, com relação ao novo coronavírus, dado evidente para todos, não levado a sério, especialmente, pelo governo federal. Segundo a Pontifícia Academia para a Vida, uma emergência como a do COVID-19 não pode ser derrotada senão com os anticorpos da solidariedade.

4.2 Gritos de socorro em favor do cuidado com a casa comum

Muitos gritos ecoam da floresta chamando a atenção de todos para a necessidade urgente do cuidado com a casa comum. Não faltam gritos de nossos irmãos nativos, de órgãos nacionais e internacionais quanto ao aumento acelerado do desmatamento na floresta amazônica, como atesta o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (2020). Os atores principais dessa devastação são madeireiros ilegais, a mineração e a agricultura em áreas protegidas. Dentre outros lugares, tais gritos encontraram eco junto ao papa Francisco na carta encíclica *Laudato si'*, na exortação pós-sinodal *Querida Amazônia* e na carta encíclica *Fratelli tutti*. Nesses três documentos, o papa não mede esforços em convocar a todos para um urgente cuidado com a casa comum, integrando o ser humano a esta. São Francisco que inspirou a escrever a *Laudato si'* é o mesmo que novamente o impulsiona a escrever a *Fratelli tutti*, desenvolvendo o seu pensamento de 2015 (QA 2). Além disso, o papa Francisco interpela sobre a necessidade do cuidado com a Terra, pois: “Deus perdoa sempre; nós, homens, às vezes; a terra, nunca” (FRANCISCO, 2020c, p. 59-61). Porém, o mesmo papa reconhece, que tal cuidado se esbarra numa geração que perdeu a consciência histórica (QA 13-14) que descarta os mais vulneráveis (QA 18-21), o esmorecimento de pertença à mesma humanidade (QA 30), mas contudo, é preciso caminhar com esperança (QA 54-55) a exemplo do bom samaritano da humanidade. Segundo Ribeiro, os índios pareciam conhecer, em linguagem moderna, o tempo ecológico da natureza, regulando desta forma, a própria relação de usufruto deles, dos bens que ela lhes oferecia, diferenciando-se assim da mentalidade “civilizada”, marcada pelo paradigma do progresso técnico-científico, onde é nítida a disparidade entre a enorme necessidade de produção-consumo e a reposição natural dos bens doados pela terra (1982, p. 89-90). Nesta mesma direção aponta o papa Francisco (FT 53).

Enfim, a partir desse breve raio x panorâmico sobre os gritos da floresta, evidenciando o sofrimento do passado e do presente dos povos indígenas, agora é o momento de buscar possíveis contribuições do pensamento de Paul Ricoeur apresentado nesta reflexão, tendo por finalidade abrir sendas de esperança para os nossos irmãos e irmãs nativos, não caindo na indiferença com eles diante da dor, do sofrimento e da morte em que estão expostos em meio ao triste cenário da pandemia do coronavírus.

5 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO RICOEURIANO DIANTE DOS DRAMAS DA PANDEMIA

Diante do que foi exposto até o presente momento acerca de algumas nuances do pensamento de Paul Ricoeur sobre o mal e, diante da constatação de tantas pessoas acometidas pelos males da pandemia do coronavírus, especialmente, quando paramos para ouvir os ecos dos gritos que provém da floresta, além do sofrimento da própria casa comum, seguem algumas possíveis contribuições para pensarmos, sentirmos e agirmos diante do sofrimento alheio. Assim segue: a) mesmo que na comunidade acadêmica seja necessário o momento teórico na busca de compreender cada tema tratado, segundo o pensamento ricoeuriano, o pensar o mal não é o momento último para dar respostas ao sofrimento humano e libertar a pessoa de tal condição; b) sendo assim, o empenho humano, quer seja pessoal ou coletivo, se torna necessário para ir ao encontro daqueles que, angustiados, veem a esperança da vida se ofuscar, tendo compaixão deles. Livrementemente e por amor, cada pessoa deve ir ao encontro dos mais frágeis, especialmente aqui, dos nossos irmãos nativos. Além disso, não dá para esquecer do sofrimento cósmico que passa a casa comum. O caminho ético se une e vai além do teórico; c) mas existe uma esperança que vai além de toda esperança. É a esperança que nasce da experiência com Jesus Cristo morto e ressuscitado. Essa adesão a Ele deve se manifestar como luz para devolver a alegria da vida aos oprimidos. Esta é a dimensão religiosa que se une às anteriores; d) a mesma esperança encontra-se presente no grito do papa Francisco na carta encíclica *Fratelli tutti*, capítulo II, com a parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37). Somos convocados a caminhar promovendo a amizade e a fraternidade social, em meio a uma humanidade que não somente descuidou da casa comum, mas que também descarta os seus semelhantes mais vulneráveis; e) ademais, é de grande valia que os poderes públicos legalmente constituídos num estado de direito como o nosso, se unam na construção de um bem comum incluyente, dando atenção especial aos mais frágeis. Como afirma Ladislau Dowbor, “o grande problema do Brasil não é o da capacidade de produção, mas de “governança do sistema, desafio sem dúvida técnico, mas, sobretudo ético e político” (FACHIN, 2020); f) por fim, estes desafios apenas apresentados, é um chamado a todos os homens e mulheres, cristãos ou não, que, unidos num esforço comum, trabalhem para em favor dos mais frágeis e na preservação do habitat que temos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorda-se que o objetivo-se desta reflexão era verificar se a partir de algumas nuances do pensamento de Paul Ricoeur se se podia pensar, sentir e agir diante dos males causados pela pandemia do coronavírus, quer sejam físicos ou cósmicos, presentes na realidade hodierna, especialmente entre os povos indígenas, e qual seria a sua relação com a ética, a religião e a política.

Após percorrido tal caminho, é de se inferir a atualidade e importância do pensamento de Paul Ricoeur. O pensador francês nos aponta a necessidade de não nos deixar vencer pela tentação de buscar compreender o mal meramente a partir da dimensão teórica. O labor filosófico e teológico deve ir além. É no exercício da liberdade humana responsável que se deve procurar refletir a questão do mal. Dessa forma, ele nos impulsiona a passar do pensar ao agir, recordando-nos da necessidade de sentir a nossa própria falibilidade e dor, assim como a realidade alheia. A sensibilidade com o próximo, através de um autêntico empenho ético, abre-se como uma possibilidade de vencermos a cultura da indiferença, infelizmente, tão viva atualmente. A “cultura do cuidado” deve ganhar espaço em nosso meio. Ademais, o mesmo autor nos mostra que, diante de nossa contingência, a abertura ao transcendente é uma via indispensável a se percorrer. Diante de uma existência humana instável, Deus se apresenta como o nosso porto seguro, razão maior da nossa esperança. Por fim, como vivemos em sociedade, a construção do bem comum é uma prerrogativa essencial do Estado. Assim, política e ética teológica devem dar as mãos na construção de uma sociedade mais humanizada. E tudo que foi dito deve ser preferencialmente realizado em favor dos nossos irmãos indígenas, da casa comum, sem nos esquecer que, pelo simples fato de sermos pessoas, temos algo que nos une e nos impulsiona a termos o coração, a razão e os braços abertos uns aos outros. ✨

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

ASSESSORIA DE IMPRENSA UFPEL. EPICOVID 19-BR divulga novos resultados sobre coronavírus no Brasil. **Epidemiologia UFPEL**, 3 jul. 2020. Disponível em: <http://epidemiologia.ufpel.org.br/site/content/sala_imprensa/noticia_detalhe.php?noticia=3128>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BUFF, Luci. **Horizontes do perdão**: reflexões a partir de Paul Ricoeur e Jacques Derrida. São Paulo: EDUC, 2009.

CODINA, Victor. Por que Deus permite uma pandemia e se cala? É um castigo? Onde está Deus? **Instituto Humanitas Unisinos**, 23 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597357-por-que-deus-permite-uma-pandemia-e-se-cala-e-um-castigo-onde-esta-deus-artigo-de-victor-codina-sj>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

EARNEY, Richard. **A poética do possível**: fenomenologia hermenêutica da figuração. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

EVDOKIMOV, Paul. **O silêncio amoroso de Deus**. Aparecida: Santuário, 2007.

FACHIN, Patricia. “Não há razão para haver tanta miséria. Precisamos construir novos caminhos”. Entrevista especial com Ladislau Dowbor. **Instituto Humanitas Unisinos**, 15 jan. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/595597-nao-ha-razao-para-haver-tanta-miseria-precisamos-construir-novos-caminhos-entrevista-especial-com-ladislau-dowbor-patricia-fachin>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FASANO, Ettore M. Biografia de Paul Ricoeur. In: XAVIER, Donizete J. (Org.). **Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes**. São Paulo: Fons Sapientia, 2017, p. 21-23.

FELLET, João. **Coronavírus pode dizimar povos indígenas, diz pesquisadora**. **BBC News Brasil**, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52030530>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020a.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas: 2015.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Querida Amazônia**: exortação apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Loyola, 2020b.

FRANCISCO. **Vida após a pandemia**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020c.

GERAÇÃO P. Sonia Guajajara diz que pandemia cria “genocídio autorizado” de indígenas. **UOL**, 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/videos/2020/06/01/geracao-p-7-para-sonia-guajajara-na-pandemia-o-racismo-contra-indigenas-vira-genocidio-autorizado.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

HENRIQUES, Fernanda. O mal como escândalo: Paul Ricoeur e a dimensão trágica da existência. In: HENRIQUES, Fernanda (Org.). **Paul Ricoeur e a simbólica do mal**. Porto: Frontamento, 2005. p. 65-72.

IGNACIO CALLEJA, José. **Moral social samaritana I**: fundamentos y nociones de ética económica cristiana. Madrid: PPC Editorial, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. A taxa consolidada de desmatamento por corte raso para os nove estados da Amazônia Legal (AC, AM, AP, MA, MT, PA, RO, RR e TO) em 2019 é de 10.129 km². **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais**, 9 jun. 2020. Disponível em: <http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5465>. Acesso em: 20 jul. 2020.

KREINER, Armin. **Dios en el sufrimiento**: sobre la solidez de los argumentos de la teodiceia. Barcelonas: Heder, 2007.

MICIELI, Cristina. **Paul Ricoeur**: aproximaciones a su pensamiento. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi, 2015.

PONTIFÍCIA ACADEMIA PARA A VIDA. Pandemia e fraternità universale. Nota sulla emergenza da COVID-19. **Pontificia Academia para a Vida**, 30 mar. 2020. Disponível em: <http://www.academyforlife.va/content/dam/pav/documenti%20pdf/2020/Nota%20Covid19/Nota%20su%20emergenza%20Covid-19_ITA_.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

QUADROS, Vasconcelo; ANJOS, Anna Beatriz. Coronavírus de um lado, invasores de outro: como está a situação dos indígenas no Brasil. **Agência Pública**, 14 abr. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/04/coronavirus-de-um-lado-invasores-de-outro-como-esta-a-situacao-dos-indigenas-no-brasil/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

QUEIRUGA, André T. **Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte**. São Paulo: Paulinas, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **Uirá sai à procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

RIBEIRO, Darcy. **Utopia selvagem: saudades de uma inocência perdida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Lisboa: Edições 70, 2013.

RICOEUR, Paul. **El mal: un desafío a la filosofía y a la teología**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 2: hermenêutica**. São Paulo: Loyola, 2010.

RICOEUR, Paul. **Historia y verdade**. Madrid: Ediciones Encuentro, 1990.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Botafogo: Livraria Francisco Alves, 1977.

RICOEUR, Paul. **Leituras 2: a religião dos filósofos**. São Paulo: Loyola, 1992.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Porto: Res, 1969.

RICOEUR, Paul. **O homem falível**. Lisboa: Edições 70, 2029.

RICOEUR, Paul. O mal: um desafio para a filosofia e para a teologia. In: HENRIQUES, Fernanda (Org.). **Paul Ricoeur e a simbólica do mal**. Porto: Frontamento, 2005. p. 17-34.

RICOEUR, Paul. Prospectiva do mundo e perspectiva cristã. In: SOBRINO, Jon. **Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS. Organização Mundial da Saúde declara pandemia do novo coronavírus. **Universidade Aberta do SUS**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

XAVIER, Donizete J. O papa, o teólogo e o poeta: uma análise da linguagem poética e metafórica de Francisco à luz da filosofia da linguagem de Paul Ricoeur. **Humanística e Teologia**, Porto, v. 39, n. 2, p. 143-161, dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/9459>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

XAVIER, Donizete J. O pathos da miséria humana como matriz poética da existência. **Teoliterária**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 91-112, ago./dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/34962/24392>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Recebido em: 29/10/2020.

Aceito em: 11/12/2020.